



## Quando Jeová responde em versos: Machado de Assis e o *Livro de Jó*

When Jehovah Replies in Verses: Machado de Assis and the *Book of Job*

Kênia Maria de Almeida Pereira\*

**Resumo:** Há poucos estudos acadêmicos que enfocam o diálogo intertextual entre os poemas machadianos e o Pentateuco. Embora Machado de Assis tenha publicado poesias cujo tema central gira em torno de personagens e episódios bíblicos, não há muitos estudos críticos sobre esse tema em sua obra. Assim, diante das poucas pesquisas sobre esse tema, neste artigo, analisaremos o poema intitulado “Soneto”, em que Machado elabora uma adaptação do capítulo 38 do *Livro de Jó*, enfocando, principalmente, o discurso e a figura onipotente de Jeová.

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Bíblia. *Livro de Jó*.

**Abstract:** There are few academic studies about the intertextual dialogue between Machado de Assis’s poems and the Pentateuch. Although Machado published poetries of which central theme is based on biblical characters and episodes, there are not many literary critics that pay attention to this fact. Thus, in face of such few researches about this theme, we chose to analyse in this paper the poem titled “Soneto”, in which Machado de Assis adapts chapter 38 of the *Book of Job*, focusing mainly the discourse and omnipotent figure of Jehovah.

**Keywords:** Machado de Assis. Bible. *Book of Job*.

Eu te conhecia só de ouvir mas agora  
meus olhos te veem por isso, retrato-me e  
faço penitência no pó e na cinza.

Jó 42, 5-6

Uma das mais belas e intrigantes apresentações do Teatro da Vertigem talvez seja a adaptação do *Livro de Jó* (1992), principalmente a cena dramática, inesquecível, em que o ator Matheus Nachtergaele, na pele do protagonista Jó, entra no palco, desnudo, com o corpo coberto de pústulas avermelhadas, e profere gritos de dor e de revolta contra seu trágico destino: “O homem nascido de mulher tem a vida curta e cheia de tormentos” (Jó 14,1).

Essa fascinante e milenar história sobre um homem caridoso e justo, temente a Deus, que passa a sofrer terríveis suplícios, vítima de uma aposta entre Deus e



Satã, assombra e surpreende até hoje. Se o Teatro da Vertigem readaptou de forma experimental e performática os sofrimentos desse personagem bíblico, consagrando-se a partir daí, nas palavras de Aimar Labaki (2002, p. 23), “como o mais importante grupo de teatro a surgir no Brasil nos anos 1990”, também na literatura brasileira, foram vários os autores que dialogaram com essa narrativa, escrita provavelmente a 2.000 a.C.

De Machado de Assis a Vinícius de Moraes; de Carlos Drummond de Andrade a Guimarães Rosa; de Adélia Prado a Hilda Hilst; muitos foram os escritores brasileiros que foram beber na fonte das Sagradas Escrituras em busca dos martírios de Jó. Vinícius de Moraes, por exemplo, no poema metalinguístico “Os malditos”, compara as agruras do trovador contemporâneo às úlceras eternas do corpo de Jó, afinal ser um bardo, para nosso “poetinha”, é

[...] trazer [...] em nós o orgulho do anjo rebelado  
Do que criou e fez nascer o fogo da ilimitada e altíssima  
[misericórdia  
Trazemos em nós o orgulho de sermos úlceras no eterno  
[corpo de Jó  
E não púrpura e ouro no corpo efêmero de Faraó.  
(MORAES, 2011, p. 83).

Carlos Drummond de Andrade, por sua vez, em *Contos plausíveis*, com a narrativa “O sofrimento de Jó”, parodia os tormentos desse famoso personagem bíblico, apresentando uma versão que “contraria o livro clássico”, uma vez que, além de Jó recusar qualquer forma de alívio para suas dores, a história foi divulgada, segundo o narrador, pela terceira filha de Jó, chamada Cornustíbia, “a quem os cronistas da época não concedem maior crédito, alegando que nascera de cinco meses e não tinha a cabeça no lugar ” (ANDRADE, 1988, p. 1298).

Guimaraes Rosa, com seu singular Jó Joaquim, do conto “Desenredo”, faz sofrer o personagem, com seu destino abominável, com a língua do povo que ele não pode controlar, afinal, ele é ludibriado e traído pela esposa. Na tentativa de minimizar a vergonha e a humilhação sofridas, ele ilude-se, inventando para si mesmo e para a comunidade um enredo, ou um “desenredo”, no qual sua mulher teria sido sempre honesta, pura, “nunca tivera ela amantes”. Tal qual o Jó bíblico, o Jó rosiano também tem um final feliz. Se o Jó das Sagradas Escrituras, depois de muito padecer, vê restituída em dobro sua riqueza, Jó Joaquim, depois de redimir a esposa, recriando a realidade, passa também a ser venturoso, vivendo o “verdadeiro e melhor de sua vida conjugal” (ROSA, 1994, p. 557).



Também as poetas Francisca Julia e Adélia Prado, cada uma com seu próprio estilo, fazem referências a Jó na construção de alguns de seus versos. Francisca Júlia, por exemplo, menciona Jó em um dos seus mais conhecidos poemas, intitulado “Musa Impassível”. Para essa poeta, fiel ao código parnasiano da objetividade e do rigor formal, o eu lírico deveria ficar imune e indiferente às emoções, mesmo diante de um cadáver ou frente aos sofrimentos de um Jó:

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero  
Luto jamais te afeie o cândido semblante!  
Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho; e diante  
de um morto, o mesmo olhar e sobrecenho austero.  
(JÚLIA, 1962, p. 78).

Adélia Prado, por sua vez, com seu poema “A história de Jó”, revela um eu lírico em desespero, angustiado com a dor e descrente da bondade de Deus:

Tem piedade de nós,  
dá um sinal de que não foi um erro,  
ilusão de medrosos,  
fantasia gerada na penúria,  
a crença de que sois bom. (PRADO, 1999, p. 53).

Já Machado de Assis, autor que nos interessa neste artigo, com seu poema intitulado singelamente de “Soneto”, também retoma parte da trama bíblica de Jó; mas, antes de adentrarmos às análises dessa poesia, vamos à sua leitura:

## Soneto

E falou Jeová dentre uma escura  
Nuvem de tempestade: — Quem é este  
Que escreveu a verdade alva e celeste  
Com as palavras vãs que lhe mistura?

Cinge os teus lombos, homem: e, se houveste  
Clara razão, responde-me: — na altura  
Quem fez o sol? Quem pôs a terra dura?  
Quem as estrelas de que o céu se veste?

Quem as nuvens soprou no azul espaço?  
Quem o mar limitou no abismo enorme?  
Quem à terra lançou o andar a passo?

Onde eras tu, quando era tudo informe?  
Que sabes tu do misterioso laço



Que une o que vive ao que perpétuo dorme?  
(ASSIS, 2008, p. 733).

Poucos sabem, mas Machado de Assis foi também, além de romancista, poeta, contista e crítico teatral, um dedicado tradutor e adaptador de obras literárias estrangeiras. Para Massa (2008, p. 11), esse trabalho de transcrição executado por Machado é um aspecto “praticamente ignorado de sua atividade literária.” Galante de Sousa (1955, p. 40-50) aponta, por exemplo, no seu conhecido livro *Bibliografia de Machado de Assis*, que o Bruxo do Cosme Velho foi o primeiro tradutor no Brasil do livro *Trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. No entanto, segundo, ainda, Galante de Sousa, não consta, em nenhuma das edições daquela obra, o nome de Machado, uma vez que, no século 19, ignorava-se o tradutor. Lourdes Sette (2013, p. 86) observa que o autor de *Quincas Borba*, por meio de suas traduções, levou inúmeros leitores a ter acesso tanto à cultura como às línguas desconhecidas de “países distantes e aos gêneros literários que alimentaram a fome de cultura e a imaginação de seus leitores, contribuindo para enriquecer a literatura nacional e para construir a identidade de tradutor no século XIX”.

Machado começou a traduzir cedo, com 18 anos de idade, e continuou nessa atividade até quase o final da vida. O número de traduções, ou adaptações, chegaria a quase cinquenta textos, dos mais variados autores e gêneros literários. Na poesia, traduziu, por exemplo, “O corvo”, de Edgar Allan Poe; “Cleópatra”, de Mme. Emile de Girardin; “Maria Duplessis”, de Alexandre Dumas Filho; “Alpujarra”, do poeta polonês Mickiewicz; “Os deuses da Grécia”, de Schiller, dentre outros.

Se, para Haroldo de Campos (1970, p. 31), a transcrição é uma escolha de textos “extremamente reveladora”, entendida como “atividade criativa a par da poesia propriamente dita” (CAMPOS, 1993, p. XV), já para Derrida (2002, p. 11), o ato de traduzir é o momento de possibilidade de recriação de “figuras, mitos, tropos, circunlocuções, ou seja, presenças”. É assim que Machado, ao adaptar os versículos sobre Jó, além de fazer uma escolha bíblica, reelabora o mito desse personagem sofredor, apresentando-nos a possibilidade de alocar parte de uma narrativa complexa e longa na gaiola de ouro do soneto, amoldando-a aos seus quartetos e tercetos. Segundo Magalhães Júnior (2008, p. 24), esses versos são uma adaptação do capítulo 38 do *Livro de Jó*, elaborados por Machado a pedido de seu amigo Joaquim Serra e, meses depois, publicados no jornal maranhense *A Civilização*. De acordo ainda com Magalhães Junior, essa poesia foi descoberta por acaso por “Josué Montello, quando realizava pesquisas sobre Aluísio Azevedo naquela publicação”.



Quando “Soneto” foi publicado, em 1880, Machado tinha 41 anos de idade. Ele já era um escritor caminhando para a maturidade intelectual, em vias de publicar, no ano seguinte, seu romance revolucionário *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerado como uma das narrativas mais audaciosas e irônicas da literatura brasileira. Para Roberto Schwarz (2000, p. 16), por exemplo, o narrador de *Memórias* comete “um show de impudência, em que as provocações se sucedem, numa gama que vai da gracinha à profanação”. Brás Cubas satiriza e afronta o Pentateuco, “banalizando o Livro Sagrado mediante uma curta frase: ‘Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco’” (SCHWARZ, 2000, p. 16).

Se em *Memórias Póstumas* é a paródia em torno do Pentateuco e da morte, o procedimento literário que dita o tom do romance, já em “Soneto” Machado opta pela paráfrase, realizando uma adaptação muito próxima a um trecho do *Livro de Jó*, embora, como bem aponta Manuel Bandeira (1994, p. 11), algumas de suas poesias já prenunciem o “pessimismo irônico e o estilo nu e seco” da segunda fase do escritor.

O *Livro de Jó* é um dos textos mais cativantes do Primeiro Testamento e faz parte dos Livros poéticos e sapienciais da Bíblia, em que se encontram também *Salmos*, *Provérbios*, *Eclesiastes*, *Cântico dos Cânticos*, *Sabedoria* e o *Eclesiástico*. Para Paulo Sérgio Proença, é provável que o *Livro de Jó* pertença “ao período de pós-exílio, embora haja elementos patriarcais acentuados e a religião e o ambiente geral descrito no livro seja primitivo. Acredita-se que tenha alcançado sua forma final por volta do ano 200 a.E.C.” (2011, p. 182).

A trama inicia-se com um prólogo no céu, em que, durante um encontro entre Deus e Satanás, ficamos sabendo sobre a provocante história de Jó. Recordemos rapidamente o enredo. Jó era um servo do Senhor, “íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal” (Jó 1,1), pai de sete filhos e três filhas, além de ser um dos homens mais ricos do Oriente, possuidor de “sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas mulas e servos, em grande número”. (Jó 1,3). Infelizmente, Jó foi vítima de uma aposta entre Jeová e Satã, o que mudará completamente sua vida. Jeová, instigado pelo “inimigo”, coloca a fé de Jó à prova. Esse crente do Senhor passa então pelos mais diversos tormentos. Em pouco tempo, Jó recebe a notícia de que seu gado e seus servos foram dizimados e que seus filhos e filhas morreram vítimas de um furacão. Apesar de todo o sofrimento, Jó não amaldiçoa o Senhor, apenas rasga seu manto, raspa sua cabeça e, caindo por terra, diz: “Nu saí do ventre de minha mãe/ e nu voltarei pra lá. Iahweh o deu. Iahweh o tirou;/ bendito seja o nome de Iahweh”. (Jó 1,21).



Dias depois, Jó é novamente colocado à prova: desta vez, ele é ferido com chagas malignas, as quais cobrem todo o seu corpo. Jó passa os dias se coçando com um pedaço de caco de telha e, embora atormentado pela esposa para que amaldiçoe o Senhor, Jó permanece mudo e não amaldiçoa Jeová. Jó recebe, em seguida, a visita de amigos que, penalizados com o atroz sofrimento do amigo, resolvem reconfortá-lo. Começa então na história um círculo de discursos poéticos em que seus amigos exaltam a bondade e justiça de Jeová, mas Jó, revoltado com as perdas e a dor que lhe aflige, amaldiçoa o dia de seu nascimento, queixa-se de sua desgraça, questiona sua sorte, exigindo de Deus uma resposta a seus tormentos. Até que, finalmente, Jeová aparece numa tempestade, mostrando a Jó todo seu poderio e onipotência. Jó se arrepende de sua presunção e reconhece sua pequenez diante da grandiosidade de Deus. Depois que Jó se retrata aos olhos do Senhor, Javé se compadece dele, restituindo-lhe seus filhos e multiplicando seu gado e suas posses, além de abençoá-lo com uma longa vida de 140 anos.

Machado recorta, de toda essa impactante narrativa sobre Jó, apenas o final surpreendente da história: a fala tonitruante de Deus. Para Edgar Leite (2011, p. 8), o “encontro de Jó com Deus é, na verdade, a culminância e o elemento central da narrativa”. Assim, Machado dá voz a Adonai, deixando-o falar em seus versos. Para Jung (2012, p. 17), no *Livro de Jó*, Javé se apresenta como um “Deus excessivo em suas emoções”, e mais: O Senhor se materializa como um ser contraditório, em que se mesclam “a bondade ao lado da crueldade e a força criadora ao lado da vontade destruidora.” (JUNG, 2012, p. 17).

Deus fala assim, impregnado de emoção, “dentre uma escura nuvem de tempestade.” (ASSIS, 2008, p. 733). Aliás, Jeová muitas vezes se manifesta no Pentateuco de forma impactante e extraordinária. Lembremos, por exemplo, que em *Êxodo*, Deus aparece e fala em meio a uma sarça ardente: um fenômeno extraordinário que assombrou Moisés, que chega a cobrir “o rosto, porque temia olhar para Deus”. (Ex 3,6). O profeta Naum já alertava: “O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em poder, e ao culpado não tem por inocente; o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés” (Na 1,3).

Como se vê no poema, depois que Deus se mostra de forma espantosa, falando em meio à tempestade, Jeová irá inverter os papéis no diálogo. Se antes era Jó que, sentindo-se injustiçado em meio à sua desgraçada vida, saudoso dos tempos em que era um magnata, de forma presunçosa, espera por uma resposta de Deus, agora será Jeová quem irá interrogar o desafortunado Jó: “Quem é este/ Que escreveu a verdade alva e celeste/ Com as palavras vãs que lhe mistura?” (ASSIS, 2008, p. 733). Usando de ironia, Javé repreende seu infeliz



servo, o qual com perguntas tolas e insanas, quebrou o mandamento de que se deve “temer a Deus e evitar o mal”.

Deus, além de recriminar seu servo desventuroso, faz perguntas embaraçosas sobre a criação e o funcionamento do universo, numa tentativa de reduzir Jó à sua total ignorância, frente à origem e à estrutura do Cosmos: “Quem fez o sol? Quem pôs a terra dura?/ Quem as estrelas de que o céu se veste?” (ASSIS, 2008, p. 733).

Ao mesmo tempo em que questiona, Jeová também impõem sua grandiosidade, apontando seus desígnios insondáveis à compreensão humana: “Quem as nuvens soprou no azul espaço?/ Quem o mar limitou no abismo enorme? / Quem à terra lançou o andar a passo?” (ASSIS, 2008, p. 733).

Finalmente, na última estrofe, Jeová desloca o homem do centro para a periferia do universo, revelando-lhe sua insignificância diante da complexidade da vida: “Onde eras tu, quando era tudo informe? / Que sabes tu do misterioso laço / Que une o que vive ao que perpétuo dorme?” (ASSIS, 2008, p. 733). Para Moshe Greenberg (1997, p. 321), o Deus de Jó, diferentemente da revelação contida em *Gênesis*, de que o homem seria o centro da criação e tudo estaria dirigido para seu benefício, no *Livro de Jó*, ao contrário, “Jó, representando a espécie humana, fica fora do quadro, deslocado de seu centro para uma periferia remota.”

Para Greenberg (1997, p. 323), Deus realmente responde, “mas não às questões de Jó, e Jó fica sem resposta nenhuma”, restando a esse servo do senhor apenas a reverência e o silêncio: “Eis que falei levianamente: que poderei responder-te? / Porei minha mão sobre a boca; / falei uma vez, não repetirei; / duas vezes nada mais acrescentarei”. (Jó 40, 4-5). Ora, quem se atreveria a contrariar ou refutar um ser tão espetacular e soberano em sua onisciência e onipotência? Ainda para Moshe Greenberg, a poética de Jó,

[...] abrange uma gama extraordinária de objetos de interesse universal: emoções de serenidade e terror, esperança e desespero, os caracteres contrastantes dos homens, dúvidas sobre a justiça cósmica e afirmações sobre ela, os esplendores e maravilhas da natureza animada e inanimada. Sem dúvida tudo isso aparece em outras partes da literatura bíblica, mas apenas no Livro de Jó tais temas são expressos com tamanha densidade, invenção e imaginação. (GREENBERG, 1997, p. 325).

Aliás, Machado já realizara antes outras reelaborações ou adaptações de passagens das Sagradas Escrituras em seus textos poéticos, sempre atentando



para essas contradições e ambiguidades apontadas por Greenberg, o que confirma suas leituras minuciosas e atentas da Bíblia.

Aliás, segundo levantamento feito por Massa na Biblioteca de Machado de Assis, hoje na sede da Academia Brasileira de Letras, Machado sempre se interessou também por leituras religiosas. Massa destaca nessas pesquisas obras como *As confissões*, de Santo Agostinho; grande parte da obra de Ernest Renan; *Les déicides*, de J. Cohen; e *La science des religions*, de Émile Burnouf; além de um exemplar da Bíblia, traduzida pelo padre português Antônio Pereira de Figueiredo, em 1886. (MASSA, 2001, p. 41). Daí, talvez o interesse do Bruxo do Cosme Velho por recriações parafrásicas em sua poesia de trechos das Sagradas Escrituras. Machado adaptou, por exemplo, episódios do Novo Testamento tanto sobre os momentos finais de Cristo, com a poesia “A morte no calvário”, como também sobre as irmãs Marta e Maria, com o poema “Dai à obra de Marta um pouco de Maria”. Machado ainda escreveu poemas intitulados “Fé” e “Caridade”, com demarcado tom cristão-bíblico. Em um de seus poemas mais extensos, intitulado “A cristã-nova”, Machado elabora uma interessante tradução do Salmo 136. Temos ainda que mencionar o poema “Dilúvio”, em que a figura de um Senhor tão colérico quanto o Deus de Jó extingue a humanidade no turbilhão das águas.

Curioso notar que, tanto em “Soneto” (1880) como em “Dilúvio” (1864), Machado deixa Javé falar ou agir abertamente em suas estrofes, também “a raiva do imenso Jeová se levanta em forma de água torrencial sobre os filhos do pecado...” (PEREIRA, 2014, p. 201). Nesses dois poemas, o criador mostra toda sua fúria; expressando-se sempre em versos, materializa-se como protagonista da literatura machadiana. Percebe-se, assim, que Machado, antes de *Memórias Póstumas*, estava fascinado pelas narrativas do Pentateuco, reverenciando-as e adaptando-as com pequenas pitadas de ironia e estilo próprio. Afinal, Machado estava encantado com a estrutura literária desses contos, uma vez que, como bem expõe Robert Alter (2007, p. 278), lidas principalmente pelo foco literário, “as histórias bíblicas revelam sutileza e inventividade surpreendentes, bem como, em muitos casos, um acabamento belo e complexo”. Para Northrop Frye (2004, p. 14), “nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária.”

É interessante observar que, alguns anos mais tarde, o “herético” autor de *Quincas Borba*, com uma visão um pouco mais ácida e cética da Bíblia, dando continuidade às “profanações” e “provocações” apontadas inicialmente por Schwarz (2000) em *Memórias póstumas*, Machado dará agora largo espaço em suas narrativas ao discurso e à figura do Diabo, deixando Jeová como personagem secundária de suas metáforas. De forma debochada e crítica, Satã



será personagem de alguns dos contos mais intrigantes do Bruxo do Cosme Velho. Para Salma Ferraz (2012, p. 45), o diabo “se oferece como magnífico personagem para a literatura, e Machado não deixou de explorá-lo, já que para ele o diabo não é tão feio como se pinta”. De fato, o diabo é protagonista dos contos “A igreja do diabo” (1884), “Adão e Eva” (1896), além do instigante “O Sermão do Diabo”, publicado em 1893.

Assim, acedendo uma vela para Deus e outra para o Diabo, Machado publicou, dez anos antes de “Soneto”, em 1863, no jornal *Semana Ilustrada*, um poema gaiato, em ritmo de cordel, intitulado “O casamento do diabo”. Nesse poema paródico, que debocha do Satã de Jó, na esteira das narrativas sobre o “diabo logrado”, o autor de *Dom Casmurro* “recupera das tradições orais nordestinas, o tema do diabo apaixonado, que, por sua vez, Machado pode ter bebido em duas fontes europeias: no romance francês, *O diabo enamorado*, e na tragédia alemã, *Fausto*” (PEREIRA 2016, p. 116).

Dessa forma, o que se observa é que, em seus poemas, Machado recupera, traduz e recria tanto os clássicos ocidentais como Shakespeare, Poe, Dumas Filho, Goethe, dentre outros, como também vai beber nas águas da tradição bíblica, tingindo de complexidade e diversidade suas rimas e metáforas. Procedimento, aliás, próximo daquilo que Lyslei Nascimento (2009, p. 19) atribui a Jorge Luis Borges: uma “continua apropriação e recontextualização do legado da tradição cultural”. Assim, concordamos com Cláudio Leal (2008, p. 20), quando afirma que, mais estudos deveriam ser realizados em torno da poesia de Machado de Assis, já que o autor de *Memórias póstumas* não se deixou levar por “jogos fúteis das formas vazias de conteúdo ou da retórica estéril. Ao contrário, soube legar à posteridade o instigante mistério de uma poesia que ainda reclama pela decifração do seu significado”.

-----

\* **Kênia Maria de Almeida Pereira** é Professora de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente pesquisa e divulga o teatro de Antônio José da Silva, o Judeu, tendo publicado *Os Encantos de Medeia*, pela EDUSP e *Guerras do Alecrim e Manjerona*, pela EDUFU.

## Referências

*A BÍBLIA de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. Vários tradutores. São Paulo: Paulus, 2013.

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Org.). *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BANDEIRA, Manuel. O poeta. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. v. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 11-14.

CAMPOS, Haroldo de. Da memória e da desmemória: excuro sobre o poeta José Elói Ottoni, tradutor do Livro de Jó. In: OTTONI, José Elói. *O Livro de Jó*. São Paulo: Loyola; Giordano, 1993. p. XI-XXVI.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis: Vozes, 1970.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FERRAZ, Salma (Org.). *As malasartes de Lúcifer*. Textos críticos de Teologia e Literatura. Londrina: EDUEL, 2012.

FRYE, Northrop. *O código dos Códigos: a Bíblia e a literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo; Boitempo, 2004.

GREENBERG, Moshe. Jó. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Org.). *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio De Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

JÚLIA, Francisca. *Poesias*. São Paulo: Comissão Estadual de Cultura, 1962.

JUNG, C. G. *Resposta a Jó*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2012.

LABAKI, Aimar. Antônio Araújo e o Teatro da Vertigem. In: *TEATRO da Vertigem: trilogia bíblica*. São Paulo: PubliFolha, 2002.

LEAL, Cláudio Murilo. A poesia de Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 13-22.

LEITE, Edgard. O silêncio de Jó e a crítica sapiencial à teologia sacerdotal. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano 4, n. 10, Maio, 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf9/02.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016



MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; INL-MEC, 1981. 4 v.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio De Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. p. 21-90.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Trad. Oséias Silas Ferra. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MORAES, Vinícius de. *Forma e exegese e Ariana, a mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NASCIMENTO, Lyslei. *Borges e outros rabinos*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida Pereira. "Um bruxo nas bodas do diabo: a poesia de Machado de Assis entre a tradição bíblica e as narrativas populares". In: PEREIRA, Kenia Maria de Almeida; AYUB, João Paulo; SILVA, Glenda (Org.). *A poesia e a Bíblia: entre a reverência e a paródia*. Uberlândia: Edibrás, 2016. p. 111-119.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida Pereira. "Machado de Assis e o mito hebraico do dilúvio". In: PEREIRA, Kenia Maria de Almeida; SILVA, Maria Ivonete Santos (Org.). *Releituras do texto literário*. Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 193-206.

PRADO, Adélia. *Oráculos de Maio*. São Paulo: Siciliano, 1999.

PROENÇA, Paulo Sérgio. *Sob o signo de Caim: o uso da Bíblia por Machado de Assis*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2011.

ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V.1 e 2.

SETTE, Lourdes. Machado tradutor de Assis: a construção da identidade de tradutor no século XIX. *Scientia Traductionis*, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 14, 2013, p. 84-92. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2013n14p84/27401>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1955.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.